

# **SEBASTIANUS GRYPHUS, UM IMPRESSOR GERMÂNICO DE TEXTOS CLÁSSICOS EM LYON (1525-1556): A LIÇÃO DE UMA VIDA NO SEIO DO MUNDO LATINO E HELÉNICO**

**SEBASTIANUS GRYPHUS, A GERMAN PRINTER OF CLASICAL  
TEXTS IN LYON (1525-1556): THE LESSON OF A LIFE INSIDE THE  
LATIN AND GREEK WORLD**

91

MANUEL CADAFAZ DE MATOS

CADAFAZDEMOTOSMANUEL@GMAIL.COM

ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA, LISBOA / REAL ACADEMIA DE LA  
HISTORIA, MADRID

HTTS://ORCID.ORG/0000/0002-3598-7509

TEXTO RECEBIDO EM / TEXT SUBMITTED ON: 25/02/2025

TEXTO APROVADO EM / TEXT APPROVED ON: 30/09/2025

**Resumo:** Na primeira metade do século XVI emergiu, na cidade de Lyon, um novo impressor germânico, um membro da família Greiff, originária de Reutlingen, de nome Sebastianus Gryphus, que publicou um significativo número de livros em latim, grego e hebraico. Apresentamos aqui algumas das mais apreciadas fases quer da sua vida, quer da sua atividade tipográfica. Analisam-se, em anexo, os

principais títulos de obras latinas, em Grego e em Hebraico que ele imprimiu até ao final da sua vida, em 1556.

**Palavras-chave:** Família Greiff (Gryphus), edições latinas, edições em grego, utensilagens tipográficas, Lyon e cultura humanística, Étienne Dolet.

**Abstract:** In the first half of the 16th century, happened, in the city of Lyon, the emergence of a new German printer, a member of Greyff family from Reutlingen, Sebastianus Gryphus, who has edited an important number of books in Latin, Greek and Hebrew languages. We present here some of the most appreciated phases in his life and typographic career. We analyse, also, the principal Roman and Greek titles he has printed till the end of his life, in 1556.

**Keywords:** Greyff family (Gryphus), Latin editions, Greek editions, characters and engravings, Lyon and humanistic culture, Étienne Dolet.

*In memoriam Henri-Jean Martin (1924-2007)*

## PREÂMBULO

Decorre em 2025 a passagem do meio milénio sobre os primórdios da atividade tipográfica do alemão Sebastianus Gryphus, de Lyon, aí chegado presumivelmente proveniente de Veneza. Ele havia nascido na Alemanha em 1493, na vila de Reutlingen, onde decerto despertara – até em razão dos interesses de sua família – para os trabalhos na arte tipográfica.<sup>1</sup>

Com Henri-Jean Martin, da École des Chartes, tivemos ensejo de fazer pessoalmente, ao longo dos anos, diversas e clarificadoras desco-

---

<sup>1</sup> Matos 1993 e 2014: 226.

bertas sobre o percurso do impressor e classicista<sup>2</sup> Sebastianus Gryeff. O seu apelido acabaria por ser latinizado como Gryphus, depois de se ter estabelecido em Lyon nos finais do primeiro quartel do século XVI.

## ORIGENS FAMILIARES SEMPRE NA PROXIMIDADE DA ARTE TIPOGRÁFICA RECÉM-SURGIDA NA EUROPA GERMÂNICA

O nascimento de Gryphus, na cidade de Reutlingen como se disse, localizada no sul do império germânico, ocorreu numa família que, tudo o parece indicar, estava próxima do universo tipográfico. Foi seu pai Michael Greyff (Greif, Gryff, Gryph) e, face à história de vida daquele, ter-lhe-á sido permitido acompanhar – na proximidade ou a alguma distância – o advento da arte tipográfica com caracteres móveis na cidade de Mogúncia, em meados do século XV, com a *Bíblia* de 42 linhas.

Nessa verdadeira aventura para a Europa – e diante de um invento que já tinha séculos na China – haviam-se primeiramente notabilizado homens como Johannes Gutenberg (Mogúncia, 1397/1400–id. 1468), o seu companheiro de trabalho Johannes Fust (Mogúncia, c. 1400–Paris, 1466), ou, algum tempo depois, Peter Schoeffer (Gernsheim, c. 1425–Mogúncia, 1502–1503).

Não foi ainda suficientemente clarificado – apesar de vozes autorizadas já terem estudado cabalmente o seu percurso – se os primeiros contactos de Sebastianus Gryphus com o universo tipográfico, ainda como aprendiz, terão decorrido em Mogúncia, em Estrasburgo ou em Veneza. Não restam dúvidas, porém, que esses alvares da arte tipográfica germânica foram contemporâneos de outras práticas técnicas, como foi o caso da arte xilográfica nessa ampla região.

93

<sup>2</sup> Fèbvre e Martin 1958. Efetivamente, Henri Jean-Martin, tal como Lucien Fèbvre, encontra-se nos alvares do nascimento de uma nova ciência – a História do Livro.

Os pequenos opúsculos xilográficos, nesse século XV, situavam-se a meio caminho entre o livro e a estampa<sup>3</sup>. A sua produção (sendo muito frequente à época nos Países Baixos) decorria, recorde-se, com recurso à milenar técnica de gravura cavada na madeira pelos anos de 1450.

Teria Gryphus, muito novo, beneficiado de uma primeira aprendizagem da arte tipográfica ainda na vizinha cidade de Mogúncia (um pouco mais a norte de Reutlingen), no período final das práticas tipográficas na oficina pertencente a Peter Schoeffer, antes do seu desaparecimento? Ou poder-se-á levantar também, com legitimidade heurística, a possibilidade de ele – antes de chegar a Veneza – ter tido alguma formação nesta época, em Estrasburgo? Na realidade, estas hipóteses são conjecturais, mas encerram alguma viabilidade.

Nesta outra cidade (que só mais tarde passaria para a França) os ateliers tipográficos abundavam à época<sup>4</sup>, além de se encontrar no caminho para Veneza. Do que não restam dúvidas é que, para os jovens aprendizes de arte tipográfica, havia à época três lugares de eleição para se dedicarem com êxito ao seu mester. Um era Veneza, sem dúvida, os dois outros eram Paris e Lyon.

Quanto a Paris, está hoje cabalmente documentado que, anos depois da saída de Gryphus de terras germânicas, outro dos filhos de Michael Greyff, viria, também ele, a emigrar só que, neste caso, veio a escolher Paris para tentar a sua sorte como impressor<sup>5</sup>. Trata-se,

<sup>3</sup> Wagner 2024 (esta obra e local de edição foram-nos comunicados por intercessão da própria autora, associada à Universidade de Bamberg).

<sup>4</sup> Neste período que aqui interessa, laboravam em Estrasburgo alguns conceituados tipógrafos tais como Johan Floschouer (1519); Johann Grieninger (entre 1501 e 1525); Martin Flash Júnior (entre 1501 e 1520); Paul Getz (entre 1516 e 1522); Mathias Humpuff entre 1505 e cerca 1530, Estiveram aí activos nesse período, ainda, impressores como Johann Knoblouch (entre 1404 e 1551); Georg Maxilus (1510-1520); Ulrich - Uldericus - Mohaze (1521-1522); Johannes Pruss (entre 1501 e 1539); Johann Schott (entre 1501 e 1548); Schurerianus (1506-1521); ou ainda Mathias Schurer (entre 1508 e 1521).

<sup>5</sup> O irmão impressor de Sebastianus, de nome Franz (correspondente a Francisco) virá a estabelecer-se, também como impressor, em Paris, na Rue des Carmes, onde virá a estar ativo entre 1532 e 1545, sobretudo na década de 40, ou seja, num período claramente

afinal, da cidade onde algumas décadas antes, em 1466, terminara o seu ciclo vivencial o celebrado impressor mogunciano Johan Fust<sup>6</sup>.

**HIPÓTESES DE TRABALHO E INTERROGAÇÕES:  
UMA ACEITAÇÃO PELA COMUNIDADE CIENTÍFICA DE QUE  
SEBASTIANUS GRYPHUS, ANTES DE SE ESTABELECER EM LYON,  
ESTEVE ALGUM TEMPO EM VENEZA**

Já é hoje comummente aceite que Sebastianus Gryphus, antes de iniciar os seus trabalhos tipográficos em Lyon, cerca de 1523 – o que se nos afigura como mais seguro, na proposta de Henri-Jean Martin<sup>7</sup>, do que a afirmação de 1520 sustentada por Jean-Claude Faudouas – permaneceu algum tempo, certamente que não muito longo, em contacto com ateliers tipográficos de Veneza.

Num dos seus trabalhos exemplares, Henri-Jean Martin foi um dos primeiros que, assertivamente, deixou clara a sua impressão sobre essa passagem de Gryphus pela cidade do Adriático, ao referir que, depois da Alemanha, esteve em Veneza. Ele era já então um expert quando os livreiros da Grand Compagnie dirigida pelos La Porte e pelos Gabiano o atraíram a Lyon<sup>8</sup>.

Esse período de pré-1523 foi aquele em que se destacou – cerca de oito anos após a morte de um dos príncipes da arte tipográfica da Renascença, Aldo Manutio (Bassiano, c. 1450-Veneza, 1515), que curiosamente trabalhara

95

---

posterior à do irmão que já se encontrava então, na cidade de Lyon. Entre os familiares mais próximos de Sébastianus Gryphus os seus familiares apontam um irmão, de nome Antoine Gryphus; e, ainda, um seu primo, também ele Sebastian Gryphus (surgindo este apelido muitas vezes, na documentação disponível, como *Gryphius*).

6 Johann Fust não se encontrava instalado na capital francesa como impressor. Na altura da sua morte, apenas se tinha deslocado a essa cidade para tratar de negócios associados à circulação dos seus livros no estrangeiro.

7 Martin 1972 : 86-90.

8 Martin 1972 : 98-90.

com um técnico de apelido muito próximo do jovem Sebastianus. Tendo falecido relativamente novo, Francesco Griffó<sup>9</sup> (Florença, 1470 – Roma, 1518) colaborara estreitamente com Aldo. Foi esse o período veneziano em que o germânico Gryphus conheceu os inultrapassáveis (do ponto de vista da estética tipográfica) conjuntos de caracteres itálicos. Eles tinham já sido mandados fundir no período de transição do século XV para o XVI pelo impressor veneziano Aldo Manutio<sup>10</sup>, ao tempo em que ele, precisamente com a colaboração técnica do transalpino Griffó, fez imprimir em 1499<sup>11</sup> essa obra-prima de Francisco Columna (1433-1527) que tem o título de *Hypnerotomachia Poliphili*<sup>12</sup>.

Só que, entretanto, Aldo falecera em Veneza devido a doença e nos dois últimos anos de vida, entre 1516 e 1517, Francesco Griffó acabara por se estabelecer comercialmente em Bolonha. Tudo parece apontar, portanto, que Sebastianus já não tenha privado em Veneza com aquele exigente criador de caracteres (que anos depois, em Lyon, o viria a inspirar por aderir a eles). Poderá o germânico Gryfo, por outro lado, ter cruzado os seus destinos, nessa cidade do Adriático, com o impressor Andrea Torresanus de Asola, o sogro de Aldo Manuzio, ou com alguns outros eruditos, como Pietro Alcionio<sup>13</sup>.

<sup>9</sup> Deve destacar-se, neste contexto, que nos seus dois últimos anos de vida Francesco Griffó mudara-se para a cidade de Bolonha, onde são datados os seus últimos trabalhos.

<sup>10</sup> Renoir 1834 : XII-XIII.

<sup>11</sup> A publicação dessa obra-prima decorreu poucos meses depois de ter ocorrido ali, na mesma oficina, a edição dos *Opera Omnia Ageli Politiani, et alia quaedam lectu digna* (julho de 1498), em que, no livro X das *Epistolae* surge uma carta em que tal humanista escreve ao rei de Portugal, D. João II falecido em 1495, disponibilizando-se para celebrar, num poema grego ou latino, a expansão lusíada acometida à época. Não deixa de ser sintomático, de igual modo, que alguns anos depois, já em 1513 – e ainda antes de Gryphus ter chegado a Veneza – que Aldo, na edição do *Platão grego*, enaltecia a mesma ação marítima dos portugueses, só que já no período d'el Rei D. Manuel (Cf. Martins 1994: 68 e 21).

<sup>12</sup> Matos 2017.

<sup>13</sup> Pietro Alcionio (Veneza, 1487- Roma, 1527) chegou a ser elogiado numa carta de 1516 de Erasmo de Roterdão dirigida a John Watson. Doze anos depois da edição do *De*

Feitas por este Alcionio algumas traduções de obras de Aristóteles, a imprensa manuciana – dirigida, após a morte de Manuzio, pelo referido Andrea Torresanus – mandou-as ali imprimir. Foi o caso do tratado *De Generatione et de Corruptione*, de 1522.

É sabido, com efeito, que as utensilagens tipográficas – após a morte de Aldo em 1515 naquela cidade do Adriático – continuaram, de facto, a ser usadas, nesses anos 20 do período quinhentista, pelo seu continuador à frente da oficina de Veneza, precisamente o seu sogro, André Torresanus de Asola.

Há que relevar, deste modo, que nada invalida a hipótese (que aqui levantamos), em termos de influência técnica dos caracteres itálicos no impressor proveniente de Reutlingen. Tal como não se descarta que ele tenha conhecido e frequentado mesmo na cidade do Adriático o atelier tipográfico de André Torresanus.

Não deixa de ser curioso, por outro lado, observar-se que, anos depois, um outro membro da família do patriarca Michael Greyff – de nome Johann Greiff (crê-se que meio-irmão de Sebastianus Gryphus) – tenha vindo a estabelecer-se em Veneza como tipógrafo. Ambos, por sinal, viriam a utilizar, como marca tipográfica, a figura de um grifo com a sua carga mitológica.

97

## DA FIXAÇÃO EM LYON DE SEBASTIANUS AOS SEUS INTERESSES PELOS LIVROS DE DIREITO ECLESIÁSTICO (POR ONDE COMEÇOU)

Tudo parece apontar, portanto, como vaticinou Henri-Jean Martin que a *Grand Compagnie des libraires* poderá ter tido algum relevo na decisão de Gryphus passar, como já se disse, de Veneza a Lyon, cerca de 1523.

---

*Generatione et Corruptione*, na imprensa manuciana, Andre Torresanus ainda teve (sob os seus cuidados) uma nova obra aristotélica ali impressa. Tratou-se, desta feita, de *Ioannis Grammatici in posteriora resolutoria Aristotelis Commentarium*, Veneza, dezembro de 1534 (num período em que Gryphus vivia e trabalhava em Lyon há cerca de uma década).

É nesta cidade francesa, precisamente, que durante cerca de três décadas, Sebastianus Gryphus se virá a destacar, no essencial do seu percurso, como técnico e como humanista, aí produzindo uma verdadeira biblioteca de autores da Antiguidade clássica, romanos e helénicos<sup>14</sup>, que ele fez conhecer ao mundo, pelo impresso, entre 1525 e 1556<sup>15</sup>. Tal decorreu em simultâneo com a impressão de numerosos autores humanistas do seu próprio tempo, de que destacamos, entre outros, os nomes de Erasmo de Roterdão, Escalígero, Philippe Melanchton, Ângelo Politiano, Rabelais, Guillaume Budé ou o português António de Gouveia, Mestre do Colégio de Guyenne.

A série de publicações clássicas (mas não só) lionesas impressas por Sébastianus Gryphus, foi de uma particular importância para a afirmação do ideário humanista em terras francesas na Renascença. Daí que, desde finais do século XIX, sobretudo desde 1895, tais edições tivessem sido objeto de primorosos estudos como o de Henri Baudrier<sup>16</sup>.

98

## O INÍCIO DA AFIRMAÇÃO TEMPORAL DE GRYPHUS, EM LYON, EM 1525, AO SERVIÇO DA COMPOSIÇÃO TIPOGRÁFICA

Uma das primeiras (se não a primeira) presenças de Sebastianus Gryphus em ateliers tipográficos de Lyon pode já datar-se de 1525. Foi

---

14 A extraordinária qualidade dessas edições lionesas de Sebastianus Gryphus levou-nos a que, desde a nossa missão de pesquisa histórica de 1993 em Reutlingen e os meados da segunda década do presente século, tenhamos constituído um acervo de originais então ali produzidos (com alguns dos frontispícios deles reproduzidos em anexo no nosso presente trabalho).

15 De sublinhar a importância de se referenciar aqui – no final do presente estudo – a listagem das principais edições que ele realizou nessa cidade francesa, em particular ao serviço da restituição de autores do Período Clássico.

16 Trata-se dos estudos publicados e continuados por Julien Baudrier em Lyon e depois em Paris, entre 1895 e 1921. No caso vertente desta vasta e aprimorada edição, interessa a Sébastianus Gryphus impressor, apenas o tomo VIII. Esta obra acabaria por ser reeditada em Paris, por F. de Nobelet, em 1964. Este prolongado estudo teve a sua natural continuidade no trabalho de Gultingen. Neste caso, interessa ao impressor aqui em estudo, apenas o t. V de 1997.

nesse ano, com efeito, que o seu nome surgiu associado à composição tipográfica – eventualmente a partir de um códice que circulava na época em Veneza e Lyon (o que se nos afigura como menos provável); ou da edição incunabular de Bolonha, da autoria de um dos principais juristas da época, Johannes de Imola, então discutida na Universidade por humanistas.

Falamos de *Lectura in Tertium Librum Decretalium*<sup>17</sup>, de que temos presente a sua edição incunabular de Bolonha, por um outro técnico germânico, Henricus de Colónia, de 1485. Retemos, em particular, o exemplar que estudámos na Biblioteca Nacional de Espanha, já em si caracterizado por uma significativa erudição, para além da sua beleza tipográfica.

Os biógrafos de Gryphus são unâimes em assinalar que, no ano de 1528, ele despendeu uma significativa quantia para obter conjuntos de tipos romanos / itálicos. Esse negócio foi feito por ele, em Lyon, com a *Grand Compagnie des libraires*. Face a essas inovações de Gryphus em Lyon – dotado agora destes novos recursos –, ele sentiu-se em condições de poder abrir a sua própria oficina tipográfica naquela cidade.

99

## O ANO DE 1528 E OS PRIMÓRDIOS DA VALIOSA BIBLIOTECA DE AUTORES LATINOS E HELÉNICOS QUE IMPRIMIU

Face à coleção de clássicos grifianos que estudámos na Bibliothèque de la Ville de Lyon (muito próxima de se poder considerar integral), o mínimo que se pode afirmar é que ela é verdadeiramente valiosa para a História do Humanismo na Europa, para as suas ideias, o seu pensamento, as técnicas e as ciências inclusive.

---

<sup>17</sup> *Lectura in Tertium Librum Decretalium*, por Johannes de Imola, BNE (Madrid). Cf. Craviotto 1988, n. 3229: 513; e Abad 2010: 454 (referência J-59). O exemplar referenciado por Martín Abad tem a particularidade de ter sido encadernado por Juan Gómez, em pergaminho, apresentando na f. 1 v<sup>o</sup>., a menção explícita: “Memoria de los libros que levó a encuadernar Juan Gómez”.

Assim, em 1531, a sua marca tipográfica – contendo embora algumas variantes em relação a outras marcas que até então ele utilizara – apresentava-se com esta configuração. As pouco mais do que três décadas em que Sebastianus Gryphus ali esteve ativo, como homem de uma soberba técnica e humanista seduzido por um virtual regresso a Roma e a Atenas, patenteiam – mais do que uma apetência para os negócios resultantes do livro e da arte tipográfica – uma coragem intelectual exemplar para viver no mundo das ideias de Platão e de Cícero.

Daí que ele hoje seja perspetivado como o “Príncipe dos negócios do livro em Lyon”, tendo feito publicar – na estimativa de Lucien Fèbvre – quase metade dos livros para uso académico em utilização na Europa do seu tempo. E nesse sentido – impondo-se tal facto como uma verdade – ele foi uma figura verdadeiramente influente, indo muito para além da própria França.

100

## **O FORNECIMENTO A INTELECTUAIS E UNIVERSITÁRIOS EUROPEUS DAS EDIÇÕES DE GRYPHUS DE LYON, CONSIDERADAS DE REFERÊNCIA PELO SEU ELEVADO NÍVEL DE EXIGÊNCIA HEURÍSTICA NO TRATAMENTO DOS CLÁSSICOS**

Uma das suas práticas esclarecidas passou pela importação, de terras italianas, de famílias de tipos ou caracteres itálicos. Tais fontes foram desde muito cedo ali postas em utilização corrente – com os resultados que se vislumbram – provenientes dos fundidores que tinham servido primeiramente em Veneza o impressor-humanista Aldus Manutius.

No ano de 1540 já Sébastianus Gryphus era um dos impressores que, em toda a França, era considerado como um dos mais reputados, considerando-se haver outros reconhecidos como Josse Bade Ascensio ou os Estienne). Grande parte dos humanistas europeus do

seu tempo, como já referimos, privilegiavam os trabalhos feitos na sua oficina lionesa.

## A INICIAÇÃO DE UMA COLEÇÃO LATINA DE TEXTOS CLÁSSICOS COM UM HELENISTA-LATINO, FLAVIUS JOSEPHUS

Quando Sebastianus Gryphus decidiu apostar na publicação de uma coleção de textos clássicos latinos e helénicos, c. de 1527, era ainda relativamente jovem, pois contava cerca de 30 anos de idade. O primeiro conjunto de livros dessa série – por decisão própria ou por encomenda, não o sabemos – foi o *Antiquitatibus* e o *De Bello* de Flavius Josephus, autor que, por via de edições incunabulares ou de códices das mais variadas proveniências<sup>18</sup>, já tinha granjeado à época a estima de um significativo escol de humanistas. Lançado que estava nessa sua área de inclinação editorial (tendo até em vista poder servir os mercados estudiantis das variadas universidades e colégios que o procuravam), partiu – na sua primeira década de trabalho – para a impressão de outros autores como Plínio, o Jovem e as *Epistolae* (1531); ou ainda Suetônio, *XII Caesares* (1532).

Os dados estavam lançados e, logo desde o início, tanto estabelecimentos escolares como estudantes aderiram abertamente a esta sua iniciativa. Tal êxito encorajou-o a lançar, de seguida, outros autores e títulos latinos. Foi o caso de Macrônio, *In Somnium Scipionis*; Aulo Gelio, *Noctes Atticae*; Lucrécio, *De Rerum Natura*; Martialis, *Epigrammaton* ou Quintiliano e os seus *Opera* (todos de 1534).

Este foi o período em que ele já se fazia rodear, na sua oficina lionesa, de revisores dos mais qualificados, uns com mais sorte do que outros. Uma boa parte deles, por sua vez, acabaria por passar também a publicar os seus próprios trabalhos, conhecendo uma significativa fortuna editorial.

<sup>18</sup> Matos 2007: 245-260.

## UM DOS REVISORES DE GRYPHUS, ÉTIENNE DOLET, NAS SUAS VENTURAS E NAS SUAS DESVENTURAS NA CIDADE DE LYON DESDE 1534: DA SUA CONSAGRAÇÃO COMO IMPRESSOR E REVISOR NESTA OFICINA HUMANÍSTICA

Falemos agora de Étienne Dolet<sup>19</sup> (1509-1546), um jovem humanista orleanense dotado de uma cultura filosófica abrangente obtida em particular em Itália<sup>20</sup>. Este humanista, a dado passo, viu-se na contingência de ter de procurar refúgio em Lyon. Aí, desde a primeira hora, ele encontrou local de abrigo, por parte de Sébastianus Gryphus. Este dera-lhe trabalho como técnico e também como revisor na sua oficina.

Depois de ser fixado em Lyon, Dolet acabaria, uma vez mais, por gerar desentendimentos. Neste caso, tal sucedeu com um pintor de Compaing, tendo-o mesmo matado, embora tenha conseguido beneficiar do perdão em nome do rei Francisco I.

102

Cerca de quatro anos após a chegada de Dolet a Lyon, ele teve a concessão como editor de livros por um período de dez anos. Editou assim, naquela cidade, várias obras consideradas de teor controverso à época<sup>21</sup>.

Devem-se referenciar os livros de Rabelais, como *Gargantua*, assim como alguns títulos de Clément Marot, um conjunto de epigramas que visavam os monges. Tal sucedeu, ainda, com a publicação de alguns escritos condenados por heresia.

---

19 Étienne Dolet – que nascera de uma família relativamente abastada da cidade de Orleães – recebera primeiramente em Paris uma sólida educação literária, tendo estudado Retórica com Nicolas Beraud.

20 Em Itália o jovem humanista de Orleães escutara os ensinamentos do helenista Musurus e do humanista Simon Villanovanus na cidade universitária de Pádua (onde o averroísmo era estudado). Depois fora, ainda, beneficiado com os ensinamentos de Giovanni Baptista Egnazio em Veneza.

21 Martin 1972.

## NA SEGUNDA DÉCADA DE ATIVIDADE, ENTRE OS ANOS DE 1535 E 1540

O período que mediou entre 1535 e 1540 refletiu, neste impressor de textos sobretudo latinos, as opções mais variadas. No primeiro desses anos imprimiu, entre outros Marco Túlio Cícero, *Tusculanae Quaestiones*; Cláudiano; Cipriano; Plauto, *Comoediae*; e os não menos apreciados *Scriptores Rei Rusticae*, o mesmo será dizer Cato, Varro, Columela e Paladio (todos eles de 1535).

Os anos de 1536 a 1540 caracterizaram-se por um período de intensa actividade no retorno, pleno e constante, aos clássicos latinos da sua predileção. Editou, então, entre outros, Horácio; Lucano, *De Bello*; Quintínio Aeduus, *Insulae*; tendo o ano de 1537 sido um dos mais produtivos com Ausônio, *Opuscula*; Cipriano, *Opera*; Graciano, *De Venatione*; Plauto, *Opera*; ou Primásio<sup>22</sup>, *In Epistolas*.

No ano seguinte, virou-se para um autor do próprio país que o havia acolhido, neste caso Martílio de Auvergne e a obra *Aresta*. Com o ano de 1539, passaram a circular, por sua vez, a sua reedição de Lucano, *De Bello*; e a publicação de Prospero, *Opera*.

103

## O RETOMAR DOS CLÁSSICOS ROMANOS E HELÉNICOS EM 1540, AGORA NUMA COLEÇÃO ESPECÍFICA DE CLÁSSICOS EM PEQUENO FORMATO: O CASO DA EDIÇÃO LATINA DE A. DE GOUVEIA (1539-40) E DA HELÉNICA DE HIPÓCRATES

De assinalar que entretanto – nesse contexto de uma política de afirmação internacional da sua oficina (quase que diríamos universitária já para a época) – Gryphus continuava a atrair assim o mais

<sup>22</sup> Primásio, em latim, *Primasius Hadrumetanus*, que faleceu c. 560. Trata-se do Bispo de Hadrumeto, ou seja, a atual Sousse, na Tunísia, que, em África, veio a ser o Primaz de Bizacena.

variado escol de humanistas, até atraídos pelo significativo êxito que ele estava a alcançar. Entre estes, François Rabelais tinha procurado Gryphus, com vista a que ele pudesse editar várias traduções de Hipócrates, Galeno e Giovanni Mainardi.

Foi esse precisamente o período em que Rabelais – para além de se ter ocupado também como revisor, aí, durante algum tempo – colaborou com o tipógrafo de Reutlingen, sobretudo na publicação de obras relacionadas com medicina. Em virtude de ser um homem bafejado pelo êxito das suas edições, na exigência (de conteúdos) das versões latinas que publicava, Gryphus entendeu que estavam criadas as condições – então sim e verdadeiramente – para criar a sua coleção de clássicos latinos e helénicos de pequeno formato (quase sempre com recurso aos caracteres itálicos que importava ou mandava fundir). Tal ocorreu precisamente em 1540.

Nesse período de transição da década de 30 para a década de 40 – para além da continuidade do projeto, de matriz helénica, e de uma particular beleza de caracteres na apostila de difusão dos trabalhos de Hipócrates (ele que principiara por editar em 1539 a obra de tal autor, *De Somniis*) – verificou-se também a aproximação do técnico de Reutlingen ao humanista português do Colégio de Guyenne, António de Gouveia.

Nesta época, António de Gouveia<sup>23</sup> encontrava-se a atravessar uma fase de reconhecida itinerância<sup>24</sup> por várias cidades do sul de

---

23 Matos 1966: 9-5; Mugnier 1901: 185-262.

24 Numa primeira fase, este jovem de Beja - que desde muito cedo tinha sido levado por seu tio Diogo de Gouveia para o Colégio de Santa Bárbara em Paris e se fixara algum tempo depois em Bordéus – teve uma significativa vida itinerante neste período: primeiramente em 1538, em Toulouse e Avignon; cerca de 1539 fixou-se precisamente em Lyon, onde se manteria até aos finais de 1541. Foi precisamente nessa cidade que passou a privar com Sebastianus Gryphus, tendo frequentado com alguma assiduidade a sua oficina. Teve ali mesmo as funções de revisor. Já depois dessa data A. de Gouveia continuaria nesses seus pérípios passando por Bordéus (1541); Paris (1542-44); Toulouse (1544); Bordéus (1545); Cahors (1549); Toulouse (1549); Paris (1554); Valence (1555-60); e Grenoble, Turim e Chambery (1560-1562).

França. Assim, este classicista lusitano, em resultado dos primeiros esforços na oficina de Gryphus, viu-se premiado com a primeira de duas edições (complementares, mas fisicamente autónomas) de epigramas. Foi primeiramente o caso de *Epigrammata quaedam et epistolae quattuor, quae Gryphius edidit, Lugduni 1539, quae item prodierunt cum fragmentis Polybi historicis de rerum pubblicarum formis et Romanorum praestantia in 4 eundem Gryphium*<sup>25</sup>. Tratou-se de uma obra *in progressum*, que sofreu ritmos e transformações diversas, vindo a culminar nos *Epigrammata*, de 1540, produzidos na mesma oficina.

Afigura-se também como deveras curioso – e esta passagem é assinalada pelo bibliógrafo Nicolau António – que nesse período em que António de Gouveia trabalhou como revisor de *Sebastianus Grphus* em Lyon, ele tenha deixado aí também os resultados dos seus interesses em Terêncio, o criador das comédias latinas. O referenciado investigador castelhano na área da História do Livro e da Edição refere-se, a dado passo, à edição *Terentii comoedias suis versibus restituit, ediditque apud eundem Gryphium, 1541*, bem como à sua eventual reedição, *Terentius prodiit cum hac Goveani emmendatione Francofurti, 1579, in 8º. Et in 1593 in 16º*.<sup>26</sup>

Sabendo-se da inter-relação dos negócios dos impressores Giunta – em simultâneo em Florença e em Lyon neste período – comprehende-se que cerca de duas décadas depois desta edição lionesa de Terentius, a obra também tenha surgido impressa em Florença<sup>27</sup>.

105

<sup>25</sup> Foi também nesse período da sua permanência em Lyon que António de Gouveia conheceu Beauffremont, tendo-lhe mesmo oferecido quatro cartas poéticas, então publicadas.

<sup>26</sup> Nicolau António 1783.

<sup>27</sup> Falamos, neste caso, da edição *P. Terentii Comoediae. Ex vetustissimis libris & versuum ratione a Gabriele Faerno emendatae. In eas comoedias emendationum libri VI. Item de versibus comicis liber I. Fragmentum Eographij interpretis in easdem fabulas. Andria; Eunuchus; Heavton Timorumenos; Adelphoe; Hecyra. Phormio, Florença, Giuntina, 1565.*

## A DECISÃO DE TER AMPLIADO AS SUAS INSTALAÇÕES COM A MUDANÇA DA OFICINA EM 1542 PARA A RUA MERCIÈRE

Nestes começos da década de 40, continuavam a progredir, a um bom ritmo (e com resultados financeiramente visíveis), os desenvolvimentos editoriais de Sebastianus Gryphus em relação aos mercados universitários que pretendia servir. Tal decorria inclusivamente muito para lá da França, tendo as feiras de livros de Lyon e de Francoforte sobre o Meno<sup>28</sup> uma particular importância neste mesmo sentido. Foi precisamente em resultado dos seus novos recursos editoriais que Gryphus sentiu necessidade de ampliar as suas próprias instalações, em 1542 já na rua Mercière<sup>29</sup>, onde se instalou e a oficina passou a funcionar praticamente sem interrupções.

A instalação da oficina de Gryphus na rua Mercière deverá ter acontecido sensivelmente no período em que ele tinha publicado, naquele outro local onde funcionava, o clássico helénico de Homero, *Odisseia*, bem como as obras latinas de Lactancio, *Diuinus institutos*, e das *Tragoediaes* de Séneca, (todas elas em 1541).

O ano de 1542 foi assim, portanto, praticamente o da sua instalação e da sua vasta equipa na rua Mercière. E, regressando aos clássicos latinos e helénicos, impunha-lhe continuar com a edição, neste segundo caso, da obra de Hipócrates. Assim, logo após reatar os trabalhos tipográficos ele imprimiu, primeiramente, autores e títulos como Tacitus, *Opera*; Celsus, *De Re Medica*; e Marco Túlio Cícero, *Libri Tres. De Oficiis, De Amicitia & De Somnio Scipionis*<sup>30</sup>, Cum D. Erasmi [que havia desaparecido recentemente, em 1536], *Philippi Melanchthon & Bartolomaei... comentaria* (todos eles com publicação em 1542).

28 Matos 1998: 43-64.

29 Pascal Fouché et al. 2005.

30 Desta edição original existe um exemplar em Lisboa na biblioteca do CEHLE.

Passando de seguida a dedicar-se (na sequência dos esforços de Rabelais) aos trabalhos de impressão, tanto com recurso a caracteres gregos, como a latinos, das obras de Hipócrates. Saíram então os volumes de uma das obras cruciais do considerado patrono da medicina *Aforismos* (greg.); e o mesmo título *Afor.* (lat.).

## **COMO GRYPHUS ACOMPANHOU EM 1544-46 OS TRÂMITES DO PROCESSO DO SEU REVISOR ÉTIENNE DOLET, QUE O CONDUZIU AO CADAFALSO EM PARIS**

Entretanto os inimigos do referido latinista da antiga oficina de Gryphius, Étienne Dolet, com algum poder que tinham em Lyon e em Paris, não descansavam enquanto não o vissem condenado pela justiça<sup>31</sup>. Assim no ano de 1542, ele acabou por ser preso por ordens do Inquisidor-Geral Mathieu Orry (mesmo que, algum tempo depois disso, tenha sido perdoado). Os problemas mais gravosos ainda estava ele, porém, para enfrentar.

Há testemunhos de que Sebastianus Gryphus acompanhou à distância – com as possibilidades que tinha e, inclusivamente, através de alguns amigos e familiares que estavam na capital francesa – a gravosa e relativamente rápida evolução do processo inquisitorial instaurado contra Dolet. Recorde-se que foi em 3 Agosto de 1546, que, na Praça Maubert, em Paris, o humanista veio a ser queimado vivo pelos inquisidores<sup>32</sup>.

107

31 Terão sido esses que, ardilosamente, fizeram seguir para a capital francesa dois pacotes com alguma dimensão que fizeram marcar com o nome deste intelectual. Nessas pacotes, assinalados com o seu nome, seguiam alguns livros tanto impressos por ele como por outros, de carácter herético tinham sido dados à estampa na cidade de Genebra, afeta como se sabe na época ao Protestantismo.

32 Subsiste ainda hoje uma tradição de que o humanista de Orleães – depois de ter escrito *Cantique d'Estienne Dolet, l'an 1546, sur sa désolation et sa consolation* – a caminho da fogueira teria feito um jogo de palavras nestes termos, *Non dolet ipse Dolet, sed pro ratione*

Esse terá sido um grande revés que Gryphus conheceu na época, pois tinha uma afeição muito particular por Dolet, para além da grande admiração que nutria por ele, sobretudo pelo erudito dessa obra-prima – num período de grande movimentação da Inquisição em França<sup>33</sup> – que são os *Commentaires de la langue latine*<sup>34</sup>. Tratava-se de uma vasta compilação de etimologias, de raízes vocabulares, de elucubrações que fizeram com que o livro (eivado de múltiplas e enriquecedoras notas e digressões) se agigantasse como um dos primeiros léxicos para o latim. Este facto patenteia, também, o grande amor de Gryphus pela língua de Cícero.

Tal ocorria ao tempo em que a Inquisição censorial (à altura plena de movimentações e temores face ao surto do êxito erasmiano) não conseguia lidar bem com a publicação de um dos maiores êxitos de Erasmo de Roterdão, em particular a sua obra *Manuel du chevalier chrétien*<sup>35</sup>.

Assim, em resultado de tais práticas inquisitoriais, Étienne Dolet já não teve a possibilidade de apreciar essa outra obra impressa na oficina grifiana (para além da edição grega dos *Aforismos* de Hipócrates), que foram os *Opera*, de Horatius, de 1545.

Esse ano da imolação sacrificial de Étienne Dolet em Paris foi também aquele em que Sebastianus Gryphus fez imprimir (na sua nova oficina lionesa), autores e títulos como Artemidorus, *Dald.*,

---

dolet (Dolet não se aflige por ele próprio, mas aflige-se pela razão" (ou pela ausência dela). Cf. Matos 2010: 89-129.

33 Havia sido já em 1503 que Erasmo, antes de regressar a Inglaterra, havia posto a circular a edição *princeps* desta sua inovadora obra associada à figura de Carlos V. Cf. Matos 1987: 34.

34 *Commentarius Linguæ latinæ*, livro I, Lyon, Sébastianus Gryphus, 1536 ; livro II, idem, 1538, 2 volumes in-folio. Esta obra foi publicada naquela oficina sensivelmente no mesmo período de um outro trabalho de particular incidência no plano da aproximação à cultura e às línguas clássicas, *Dialogus de Imitatione Ciceroniana adversus Desiderium Erasmus Roterdamum pro Christophoro Longolio*, de 1535, onde ele apresenta no seu antagonismo a Erasmo de Roterdão.

35 Matos 2013.

Polidorus Vergilius, *De rerum inventoribus libri octo*<sup>36</sup> e Caius Julius Cesar, *Opera*. Só depois da impressão desse trabalho veio a ocorrer uma outra sua criteriosa edição dos escritos latinos de Lucano, mais concretamente *De Bello Civili*.

O novo ciclo de 1548-1551, por seu lado, foi um dos mais frutuosos para a constituição da biblioteca latina e helénica que desde há uma década se encontrava a ser levantada por Gryphus. Entretanto em 1548 foram dadas à estampa, *Opera* de Catullus; Valerius Flaccus, *Argonautica*; e Alexandrinus, *Enarrationes*.

Quanto a 1549 tiveram lugar duas edições (com uma delas apenas ao nível das probabilidades) *Novus Testamentum* (lat.), assim como uma publicação de *Proverb.* (espanh.). Já em 1550, por seu lado, verificou-se, uma reedição de Valerius Maximus, *Dictorum Factorumq. Memorabilivm Exempla*.

No biénio de 1551-1552 Sebastianus Gryphus continuou a explorar, na vasta série de autores do primeiro período da expansão do latim como língua matricial, autores e obras como Alexandrinus, *De Ciuitibus Romanorum Bellis Historiarum libri quinque. Eiusdem libri sex: Illyricus, Celticus, Libycus, Syrius, Parthieus, & Mithridaticus*; Curtius Rufus, *De Rebus Gestis*; Dion Cassius, *Cesarum Vitae*; ou Horatius, *Opera*, todos de 1551.

Tendo então regressado aos autores helénicos – note-se que o impressor havia alcançado particular sucesso recente com a *Odisseia* – Gryphius (no mesmo ano) lançou-se na publicação de Herodotus, *Opera*; de Plutarchus, *Moralia* (em lat.), t. III; ou ainda de Xenofonte, *Opera*. Poucos meses depois, e já em 1552, ele imprimiu novos clássicos latinos como Amianus Marcellinus, *Rerum*; Arriano, *De Rebus Gestis*; e Diodorus Siculus, *Bibliothecae*.

<sup>36</sup> Trata-se da obra que, precisamente três décadas depois, veio a ser reimpressa em Roma, na oficina de Antonius Bladius, em 1576. O texto presente nesta edição não se pode confundir com o texto de *Vergilius Maronis*, que no século XVI continuava a beneficiar de múltiplas edições, seguindo inclusivamente a “lição textual” fixada por Joannis Minelli (e que também consta da edição preparada por José António da Silva, impressor da Real Academia da História Portuguesa, quando em 1735 materializou a edição). Cf. Matos 2021: 238.

Por esse tempo, pelos 60 anos de idade, a doença principiaria já a afetar o rendimento e a produtividade laboral do seu trabalho. Mesmo assim ainda se lançou no vasto empreendimento que foi uma edição do *Novus Testamentum*. Concluído todo esse labor, Gryphus lançou-se na publicação de um outro conhecido clássico romano de Julius Florus, *Decadum* (de que se conhecem duas saídas de máquina autónomas, respetivamente a *in 8º*. (de 134 pp.) e a *in 16º*. (de 122 pp.). Encontrando-se numa fase em que a História Antiga de Roma muito veio a beneficiar do seu criterioso trabalho laboral/editorial, não pode esquecer-se que foi continuada, logo de imediato, com a publicação, já no ano seguinte de 1554, de dois inesquecíveis tomos de Titus Livius, *Decas prima* (*in 16º*) e *Decadis quintae* (*in 8º*).

## ALGUMAS OBRAS HELÉNICAS FORAM IMPRESSAS NO SEU ATELIER, COM RECURSO A CARACTERES ROMANOS E À LÍNGUA LATINA

110

Só que o labor latinizante de Gryphus andou nele sempre a par com um labor de feição helenizante, ou seja, recorrendo a caracteres nessas línguas clássicas. Assim, ainda em 1554, ele fez ativar os caixotins de caracteres em língua latina e não os caracteres gregos, como havia feito ao tempo da sua memorável publicação dos *Aforismos de Hipócrates*.

Efetivamente nesse ano ele imprimiu uma bem conhecida obra helénica, de Políbio (200-120 A.C.), *Histórias*, só que desta feita em latim, um novo caso que também teve duas saídas de máquina, uma *in 8º*. e outra *in 16º*. Entretanto, em 1555 saiu, ainda, do historiador grego Dionisius Hallicarnassensis, *Antiquitatum*.

A doença, então, já continuava a afetar seriamente Sebastianus Gryphus. No ano seguinte, o seu nome ainda surge associado, pelo menos, a um dos últimos volumes impressos da sua coleção dos clássicos latinos, Valerius Maximus, *Dictorum Factorumq. Memorabilium*

*Exempla*<sup>37</sup> (uma reedição da sua obra saída já em 1550), assim como a uma reedição de *Macrobius* (do mesmo ano), presumivelmente já com o apoio composicional de seu filho que o acompanharia. O último dos trabalhos que conhecemos, saído em Lyon pouco antes da morte deste impressor, é precisamente *Commentarium in Nouellam*, presumivelmente surgido em meados de 1556.

## A MORTE DE SEBASTIANUS GRYPHUS, EM 1556, EM LYON

Em 1556 – já depois de uma intensa atividade como impressor humanista – Sebastianus Gryphus acusava o peso dos anos. Nessa época, reconhece-se hoje, a velhice chegava mais cedo. Não desconhecendo a existência de tratados como o de Erasmo *De Preparatione ad mortem de Erasmo*, Gryphus ainda conseguiu, nos últimos anos de vida, dar preparação a um dos filhos no sentido de, naquela mesma cidade, continuar com o seu tão nobre ofício.

111

## ALGUNS DOS CONTACTOS MANTIDOS NESTA FASE DO TRABALHO TÉCNICO E HUMANÍSTICO DE GRYPHIUS COM INTELECTUAIS DE VÁRIOS PAÍSES

Para além dos pensadores Étienne Dolet, François Rabelais e o português António de Gouveia – e sabendo-se que todos eles chegaram, de uma forma ou de outra, a desempenhar algumas funções na sua oficina (presumivelmente na fase antes de ele se estabelecer em tal

---

<sup>37</sup> Não deixa de ser paradoxal que foi precisamente num livreiro antiquário da cidade de Lyon que adquirimos, há cerca de três décadas e meia, o raro exemplar de que hoje dispomos na biblioteca do CEHLE, desta edição que tem a particularidade de ser uma das três ou quatro últimas que saíram em 1556 (o ano da da morte) com a assinatura deste notável impressor de clássicos latinos e helénicos.

ofício na rua Mercière em 1542<sup>38</sup>) – as suas funções de credenciado e apreciado impressor levaram-no a estabelecer contactos com alguns dos mais conhecidos humanistas do seu tempo. Referencemos, apenas, os casos de Erasmo de Roterdão, de Thomas More, de Politiano ou de Escalígero. De referir, ainda, que os principais especialistas grifianos de Lyon evocam, com alguma unanimidade, a teia de relações que este tipógrafo tornou extensivas a outros intelectuais como Claude Baduel<sup>39</sup>, Jean Texier<sup>40</sup>, Gregor Bersman<sup>41</sup> ou Christoph Curio<sup>42</sup>.

Sebastianus Gryphus, depois de um período lionês de mais de três décadas de intensa atividade tipográfica, veio a falecer naquela cidade em 1556, deixando uma sólida reputação técnica, mas também cultural e humanística, um pouco por toda a Europa do ocidente. Ele havia contribuído, de forma decisiva, para que autores das mais variadas nações europeias – incluindo de Espanha e de Portugal (relembremos por exemplo apenas o caso da admiração e amizade que ele havia votado a António de Gouveia, que chegou a ser revisor na sua oficina, ao tempo dos seus *Epigrammata*).

Só que importaria continuar o ofício. Assim, seu filho Antonius Gryphus, encarregou-se de dar continuidade ao seu incessante labor

---

38 Martin 1972.

39 Claudio Baduellus em latim foi um apreciado escritor na época. Tendo nascido na cidade francesa de Nîmes, aderiu ao calvinismo, tornou-se cidadão de Génève em 1556, vindo a falecer nessa cidade em 1561.

40 Também conhecido como Jean Tixier de Ravisio (c. 1470–1542), era natural, como o seu nome indica de Ravílio. Destacado humanista da Renascença, ele veio a ser professor de Retórica em França. Cf. Vodoz 1898.

41 Gregor Bersman, filólogo alemão, que nasceu em 1538 e faleceu em 1611. Já muito depois da morte de Sebastianus Gryphus ele fez publicar, em 1589, a obra *Pharsalia*, de Lucano (frequentemente utilizada pelos editores deste clássico). Housman, na sua bem conhecida edição de 1926, não faz referência ao trabalho de Bersman senão na sua relação com o filólogo holandês Grotius, que corrigiu alguns erros do seu predecessor na notas à sua edição de 1614. Veja-se, ainda, Barrière 2024.

42 Cfr. *Epicedion In Obitvm Viri Clariss. D. Georgii Fabricii Chemnicensis, Lvdi Illustris Mis-nensium Rectoris*, Seitz, 1571.

nessa cidade. E na sua atividade, está hoje visível que ele continuou a utilizar utensilagens tipográficas que já haviam sido utilizadas pelo seu pai.

Não deixa de ser curioso constatar ainda o desaparecimento do tipógrafo de Reutlingen precisamente em 1556. Tal aconteceu, precisamente, no ano em que se iniciou a atividade tipográfica em terras do império português, em Velha Goa. Tal decorreu quando os padres da Companhia de Jesus ali fizeram imprimir, no Colégio de S. Paulo, o livro *Conclusiones Philosophicae*<sup>43</sup>.

## BIBLIOGRAFIA

### FONTES E CATÁLOGOS:

Abad, Julian Martin (2010), *Catálogo Bibliográfico de la Colección de Incunables de la Biblioteca Nacional de España*, 2.º tomo, Madrid.

113

Craviotto, Francisco (1988), *Catálogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, Madrid, t. I.

Gultlingen, Sybille von (1997), *Bibliographie des Livres imprimés à Lyon au seizième siècle*, Baden.

Chastagnol, André (ed.) (1994), *Histoire Auguste. Les Empereurs Romains des II<sup>º</sup> et III<sup>º</sup>. siècles*, Paris.

### ESTUDOS:

Baudrier, Henri e Baudrier, Julien (1910), 'Sébastien Gryphius'. *Bibliographie lyonnaise: Recherches sur les imprimeurs, libraires, relieurs et fondeurs de lettres de Lyon au XVI<sup>º</sup> siècle*, vol. VIII. Lyon, 11-286.

Barrière, Florian, Bastin-Hammou, Malika, Mathieu Ferrand, Paré-Rey, Pascale (eds.) (2024), *Princeps Philologorum. L'autorité de philologue des éditions de textes anciens à la Renaissance*, Pessac.

Fouché, P., Péchoin, Daniel e Schuwer, P. (dirs.) (2005), *Dictionnaire Encyclopédique du Livre*, Paris.

Febvre, Lucien e Martin, Henri-Jean (1958), *L'Apparition du Livre*, Paris (versão inglesa *The coming of the book, the impact of printing 1450-1800*, Londres, 1976; trad. para a língua portuguesa, por Henrique Tavares e Castro, numa edição da Fundação Calouste Gulbenkian com prefácio de Artur Anselmo).

Martin, Henri-Jean (1972), *Le siècle d'or de l'imprimerie lyonnaise*, Paris.

Martins, José V. de Pina (1994), introdução ao catálogo (com M. Valentina Mendes e Margarida Cunha), *Edições Aldinas, Séculos XV-XVI, Fundos da Biblioteca Nacional*, Lisboa.

Matos, Luís de (1966). “Sobre António de Gouveia e a sua obra”, *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, vol. VII, nº. 4: 9-5.

Matos, M. C. de (1987), *Erasmo: da sua Modernidade*, Braga.

114

Matos, Manuel C. de (1993), *Sébastien Gryphe, no V Centenário do seu nascimento. Uma evocação do impressor de Lyon e das suas técnicas e utensilagem* (em missão de pesquisa do autor na Alemanha, em particular na localidade natal do impressor), Reutlingen.

Matos, Manuel C. de (2013), *Estudos Erasmianos*, Lisboa.

Matos, M. C. de (2017). *Entre o Renascimento italiano de Hipnotoromachia Poliphili (1499) e os devaneios de um tal Raphael pretensamente português*, comunicação apresentada à Academia de Marinha / ICEA, em 8 de novembro de 2016, Lisboa.

Matos, Manuel C. de (2007), “Dois aspectos sobre um novo códice seiscentista de Flávio Josepho”, *Cadmo*, vol. 17: 245-260.

Matos, Manuel C. de (2021), *A Academia Real da História Portuguesa no III Centenário da sua Fundação*, Lisboa.

Matos, Manuel C. de (1998), “O saber sobre a tábua e a bolsa, ou o livro como *ropica pnefma* em Francoforte do Meno”, *Revista Portuguesa de História do Livro*, Ano I, vol. 1: 43-64.

Matos, Manuel C. de (2024), *A Tipografia Quinhentista de Expressão Cultural Portuguesa no Oriente – Índia, China e Japão*, Lisboa.

Mouren, Raphaële (ed.) (2008), *Quid Novi ? Sébastien Gryphe, à l'occasion du 450<sup>e</sup> anniversaire de sa mort. Actes du colloque - 23 au 25 novembre 2006*. Lyon/Villeurbanne.

Mugnier, François (1901), “Antoine Govéan, Professeur de Droit, sa Famille, son Biographe Étienne Catini”, in *Mémoires et Documents publiés par la Société Savoisiennne d'Histoire et d'Archéologie*, t. XL, 2<sup>a</sup>. Série, t. XV, Chambéry, 185-262.

Vodoz, J. (1898), *Le théâtre latin de Ravisius Textor, 1470-1524*, Winterthur.

Wagner, Bettina (2024), *Les livrets xylographiques du XV<sup>e</sup> siècle. Un phénomène de transition dans l'histoire de l'imprimerie*, Paris.

